

TAXA DE OFEGO DE OVINOS ANTES E DEPOIS DO PASTEJO, DURANTE A PRIMAVERA, NA REGIÃO DE CAXIAS DO SUL/RS.

Eduarda BAGGIO¹, Helena Prado de ÁVILA¹, Brenda Kraemer KAPPES¹, Leticia Felipe de Oliveira COSTA¹, Paulo Ricardo de Fagundes FINATTO¹, Yurimar Angelina Ramos BELLO¹, Marcele Sousa VILANOVA².

Palavras-chave: Termorregulação; Dissipação de calor; Ovinos lanados.

A realização do ofego por ovinos ocorre como mecanismo fisiológico primário para a dissipação de calor. A taxa de ofego (TO), indicativo de frequência respiratória, é um indicador visual medido através da contagem de ciclos completos de respiração, ou seja, uma inspiração (entrada de ar) e uma expiração (saída de ar), a qual em condições de conforto térmico, deve permanecer entre 40-60 movimentos respiratórios por minuto. Objetivou-se avaliar a variação na TO em ovinos sem raça definida, com tendência Corriedale e Texel, antes e depois da realização da atividade de pastejo, na região de Caxias do Sul/RS. Foi selecionado um grupo de 22 ovinos, esquilados no início de outubro de 2025, os quais foram conduzidos ao galpão no horário do meio-dia e permaneceram protegidos do sol até o início das avaliações. Às 14:00h foi realizada a primeira contagem na TO dos animais, e logo em seguida os animais foram soltos no piquete com pastagem nativa melhorada, onde permaneceram por 60 minutos em atividade de pastejo. Às 15:00h os animais retornaram ao galpão, momento em que foi realizada a segunda contagem na TO. As avaliações foram realizadas nos dias 31 de outubro (23°C a 25°C), 14 de novembro (24°C a 26°C) e 24 de novembro (25°C a 27°C) de 2025, todos os dias ensolarados. O delineamento experimental foi completamente casualizado, com 22 repetições por dia de avaliação (dias 1, 2 e 3). Os resultados foram submetidos a análise da variância e as médias comparadas pelo teste t de Student (5%), utilizando o programa AgroEstat[®]. O dia de avaliação influenciou significativamente ($p < 0,05$) na variação da TO dos animais, sendo as maiores frequências respiratórias antes do pastejo obtidas no dia 2 (108,3^a) e no dia 3 (121,5^a), em comparação ao dia 1 (73,2^b), seguindo a mesma tendência na TO depois do pastejo, com maiores valores no dia 2 (148,7^a) e no dia 3 (153,0^a), em comparação do dia 1 (130,1^b). Independente do dia de avaliação, todas as TO aumentaram após o pastejo, sendo que no dia 1 aumentou 56,9^a, no dia 2 aumentou 40,4^{ab} e no dia 3 aumento 31,95^b movimentos respiratórios por minuto. Nos dias de maiores TO, foram os dias de maiores temperaturas ambientais, o que sugere o aumento na necessidade de dissipação de calor pelos animais, após a realização da atividade de pastejo, em piquete com elevada exposição à radiação solar, pois em nenhum momento os animais procuraram a sombra do mato para se proteger. A TO estava elevada em todas as avaliações, o que deixa o alerta, que mesmo ainda não sendo o período mais quente do ano, os animais sentem a radiação solar durante o pastejo, necessitando de um espaço e de tempo para realizar a termorregulação após a atividade intensa de pastejo.

¹Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Caxias do Sul. Email para correspondência: ebaggio2@ucs.br

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Caxias do Sul.